



A Infantaria no combate à noite

Pelo Major JAIR DANTAS RIBEIRO
Intr. de Inf. de E. E. M.

(Continuação)

Ensinamentos

Vimos de examinar uma operação realizada à noite, que em seu conjunto, podemos dizer, teve bom êxito. Procuremos agora discernir e realçar as razões deste sucesso e, bem assim, os ensinamentos que podem ser tirados deste exemplo.

1.º — Observaremos, preliminarmente, que as pequenas **tentativas fragmentárias** da noite anterior não produziram nenhum resultado satisfatório, porque se ressentiram completamente da falta de **preparação minuciosa** que caracteriza essencialmente toda operação à noite.

Ao contrário, vimos que, no ataque executado na noite de 4 de Novembro, tudo havia sido **muito bem previsto** e, graças a estas medidas, assim como à energia do ataque, a operação alcançou os resultados esperados.

2.º — O Comando decidiu tentar uma operação à noite para retomar SAPIGNEUL, a-fim de valer-se dos **benefícios da surpresa** que, de dia, seria impossível de obter num

terreno tão descoberto. Não foi difícil, assim, levar as tropas de ataque até à distância de assalto sem despertar a atenção do inimigo e sem que essas tropas tivessem sofrido perdas.

Um **rigoroso silêncio** foi para isso observado.

- 3.º — A **direção** estava garantida pela estrada CORMICY-SAPIGNEUL, que serviu de eixo de marcha.

Além disso, a **coesão** do conjunto foi conseguida mediante a formação em colunas paralelas.

- 4.º — O **objetivo** de cada sub-unidade era nítido e preciso, não sendo possível nenhuma confusão.

A **missão** era simples: tratava-se de atingir a ponte de SAPIGNEUL de um só lance pela única rua da aldeia que todos conheciam.

- 5.º — Todavia, este plano, absolutamente conforme as regras gerais do combate à noite, **era defeituoso** porque foi estabelecido **a priori**, sem ter sido antes sancionado pelos resultados de um **reconhecimento** ou por **informações** precisas sobre o inimigo.

Esta lacuna, que levou o Chefe a desprezar as organizações defensivas criadas pelos alemães na orla da aldeia, deu causa ao insucesso sofrido pela 10.ª Cia.ª que foi "chocar-se" contra trincheiras intactas, não batidas pela Art., que apenas visara as casas da localidade.

Se a marcha de aproximação não se executasse em silêncio, é certo que o fogo das metralhadoras da defesa teria impedido o Btl. de chegar à distância de assalto e feito, sem dúvida, malograr a operação.

- 6.º — Uma outra falha consistiu na **convergência** dos movimentos prescritos às 10.ª e 12.ª Cias.: se aquela Cia. tivesse conseguido penetrar na aldeia, iria necessariamente encontrar-se com a 12.ª Cia. vinda pela esquerda, o que poderia trazer consequências bastante desagradáveis.

- 7.º — As tropas de ataque receberam ordem de abordar seus objetivos à baioneta, sem atirar. Isto está con-

forme o que anteriormente assinalamos quanto aos inconvenientes do emprêgo do fogo à noite, pela tropa atacante.

- 8.º — Também não foi constituída nenhuma reserva, porque não se manobra à noite. O Chefe deve prever o sucesso e o insucesso da operação, mas lhe é interdito pensar em modificar, como de dia, o curso de sua execução no decorrer da luta.
- 9.º — Para o caso de insucesso da operação, que nunca deve ser olvidado, é mistér a indicação de um ponto de reunião. O Cmt. do III/28.º R.I. dêle cogitou, escolhendo-o fácil de ser encontrado e conhecido de todos.
- 10.º — Observamos ainda o modo por que as ações de duas unidades vizinhas — caso das 10.ª e 12.ª Cias. — se desenrolaram independentemente uma da outra. Assim é que a 12.ª Cia., devido ao intervalo existente (100 ms. aproximadamente), poudé levar com êxito seu ataque até o fim, sem suspeitar do insucesso que deteve a 10.ª Cia.

À noite isto não pode ser de outra fôrma; eis porque o Regulamento de Infantaria prescreve que "cada coluna marche para seu objetivo, sem manobrar, sem se preocupar com as colunas vizinhas e sem responder ao fogo do inimigo".

- 11.º — A Artilharia foi chamada a intervir durante a preparação, cabendo-lhe, ainda, em seguida realizar a proteção do ataque.

Ser-lhe-ia impossível pretender "seguir" as diferentes fases do ataque. Uma vez êste desencadeado, não poderá ela fazer outra cousa senão transportar seus tiros para além do objetivo a atingir, de modo a impedir os movimentos do inimigo, mediante um "enjaulamento" do ataque.

Um sinal luminoso prèviamente convencionado, significando objetivo atingido, poderia ter sido lançado pela Infantaria, cabendo então à Art. fixar sua barragem para cobrir a instalação do terreno con-

quistado e permitir os trabalhos de destruição da ponte.

- 12.º — O final da operação — limpeza definitiva de SAPI-GNEUL — comparado ao de um ataque feito de dia é suficiente para demonstrar a **morosidade e confusão inevitável** nas operações à noite mal preparadas.

A luta degenera sempre num sem número de ações particulares, em que os enganos são muito frequentes.

A guerra de 1914-1918 apresenta inúmeros exemplos.

Não é, pois, demasiado repetir que uma tropa encarregada de atacar à noite deve, antes de tudo, saber:

— onde vai;

— os movimentos simples que terá de fazer;

— e a conduta a manter uma vez alcançado o objetivo

fixado.

O mais será apenas uma questão de energia na execução da operação.

II — EXEMPLO DE UMA OPERAÇÃO DEFENSIVA, EXECUTADA A NOITE:

“COMBATE A NOITE DO BOSQUE DE FOURASSE”

(2-3 de Setembro de 1914)

Ver croquis 2, anexo

Situação

No dia 2 de setembro de 1914, na frente de LORRAINE, a 34.ª Bda. Inf. (114.º e 125.º R. L.) empenhada na linha ER-BEVILLER-Bosque de FOURASSE-Bosque SAINTE LIBAIRE, recebeu ordem de alcançar rapidamente NANCY, depois de substituída pelo 360.º R.L., a-fim de ser transportada para outro teatro de operações.

Tiveram os alemães conhecimento dessa ordem e dessa substituição ?

E' difícil afirmar.

O certo é que, por volta das 20 hs. 30, após desencadearem um terrível bombardeio sobre o Bosque de FOURASSE, os alemães pronunciaram um vigoroso ataque contra as orlas N. desse bosque e contra os entrincheiramentos ocupados pelas sub-unidades do II/125.º R.I., ao N. da COTA 296.

Do lado francês o combate foi puramente defensivo.

Os alemães encontraram o II/125.º R. I. e o I/114.º R. I. na situação reproduzida no croquis.

Dispositivo:

— II/125.º R.I.: — Ocupava as organizações da COTA 296, face à COTA 328, numa frente de cerca de 1.000 ms. Estava em ligação à esquerda com o 32.º R. I., que fazia face ao Bosque de FAUX.

A 7.ª Cia. foi lançada a cerca de 1.200 ms. à frente, mantendo a orla S.E. do Bosque de FAUX com um pelotão; um outro pelotão se achava em posto avançado a 300 ms. à frente e defronte à COTA 328, aproximadamente a 400 ms. dessa Cota, face às organizações alemães nela construídas. Os dois outros pelotões estavam escalonados nas trincheiras da direita em ligação com dois pelotões da 5.ª Cia. e um pouco mais atrás. Frações da 8.ª Cia. prolongavam a linha geral assim constituída, ligando-se, no canto N. do Bosque de FOURASSE, com elementos de I/114.º R. I.

I/114.º R. I.: — Havia tomado disposições para a defesa do Bosque de FOURASSE.

No sentido da largura, o Bosque é atravessado por uma alameda média, da largura de 6 a 7 metros, orientada de S. W. - N. E. Perpendicularmente a ela, estão traçadas outras alamedas.

A 3.ª Cia. e a Sec. Mtr. ocupavam a orla N. E. do bosque, a cavaleiro da alameda média.

A 1.ª Cia. mantinha o saliente N. do bosque com um pelotão; outro pelotão, entrincheirado e avançado em ponta para fóra do bosque, vigiava um vale, invisível do interior do mesmo. Os dois outros pelotões da Cia. ocupavam as alamedas da orla N.W.

A 4.^a Cia. tinha um pelotão em cada alameda da orla S.E.

A 2.^a Cia., enfim, estava em reserva no interior do bosque, com um posto de um pelotão em ligação com o II/114.^o R. I. no canto S. do bosque.

Havia ordem para interdizer aos alemães a alameda média, particularmente alvejada pela sua artilharia, e para criar atalhos que permitissem às diferentes sub-unidades do I/114.^o R. I. comunicarem-se facilmente entre si. Importantes melhoramentos foram feitos nas organizações existentes, a-fim de permitirem aos defensores do Bosque de FOURASSE suportar um bombardeio sério de 75 a 150, sem grandes perdas.

Ataque alemão

O combate começou às 21 horas, depois de ter a Art. alemã despejado, durante duas horas consecutivas, uma verdadeira "chuva" de granadas de todos os calibres sobre o Bosque de FOURASSE e seus arredores.

Fazia um soberbo luar (*) e soprava ligeira brisa de N.E.

Algumas silhuetas de infantes alemães que aparecem na crista encaminhando-se para o bosque, são descobertas pelos dois pelotões da 8.^a Cia. do 125.^o R. I., pelos elementos da direita do II/125.^o R. I. e pelo pelotão da 1.^a Cia. do 114.^o R.I. que fôra lançado em flexa, na frente do saliente N. do bosque

Atrás dos esclarecedores alemães vieram, imediatamente, cerca de 60 homens. Os dois pelotões da 8.^a Cia. do 125.^o R.I. e o pelotão em ponta da 1.^a Cia. do 114.^o R.I. atiraram contra êles. As perdas que sofreram não os impediu de progredir, pois que resolutamente assaltaram o pelotão da 1.^a Cia. do 114.^o R.I. Este, porém, consegue repelir o ataque com uma violenta fuzilaria à queima-roupa.

O ataque alemão cessa momentaneamente, o que permite ao pelotão reunir-se, na orla do bosque, aos outros pelotões da 1.^a Cia.

(*) Não esquecer que a noite muito clara assemelha muito o combate à noite do combate de dia.

Em breve, porém, o ataque se desenha em toda frente do I/114.º R. I. e à direita do II/125.º R. I.

Por vagas sucessivas e sem intervalo entre os combates de cada vaga, os alemães, parecendo vir da direção de HOEVILLE e da COTA 328, lançaram-se contra as trincheiras e a orla N. E. do bosque.

Disseminados e obrigados a deitar pelo tiro bem ajustado dos defensores do bosque, as primeiras vagas foram imediatamente substituídas por outras que tiveram a mesma sorte. Quatro vezes entre 21 e 23 horas, os alemães avançaram, em formação cerrada, para assaltar o Bosque de FOURASSE e em todas elas seu vigor foi quebrado.

O resultado desse ataque foi mau, absolutamente funesto.

Cerca de 1 h. 15 o fogo cessou definitivamente e o inimigo retirou-se deixando 800 mortos no terreno da luta.

O II/125.º R. I. e o I/114.º R. I. defenderam magnificamente suas posições. O sucesso foi completo do lado francês.

Ensinamentos

Esta operação mostra que as unidades guardadas por frações destacadas em postos avançados, cuja vigilância revelou oportunamente o ataque inimigo, não permitiu a realização da surpresa, dando aos defensores o tempo necessário para desencadear seu tiro.

Cerca de 800 mortos na frente do Bosque de FOURASSE, eis a prova da eficácia do tiro à noite, na defensiva. (*) Note-se que os defensores do aludido bosque só possuíam fuzis e apenas algumas metralhadoras! Poder-se-á fazer um juízo do que estaria reservado aos infantés alemães se naquela época os franceses já possuíssem a dotação de armas automáticas que hoje dispõem.

Não esqueçamos, também, os novos meios postos em ação para melhorar a visibilidade à noite (artifícios, projéteis traçantes, etc.).

(*) Convém não esquecer que o luar concorreu necessariamente para ajustar melhor o tiro da infantaria.

Se a-pesar de tudo, o inimigo conseguisse tomar pé no objetivo, o defensor deveria expulsá-lo, como de dia, por meio de contra-ataques imediatos, executados por unidades pouco numerosas e que conhecessem perfeitamente o terreno. Esses contra ataques são preparados de dia para serem lançados à noite em direções bem nítidas, sem perda de tempo, por forma a surpreender o atacante.

E' mais uma questão de oportunidade do que de efetivos, pelo que se deverá procurar por todos os meios remover ou amenizar suas dificuldades.

As informações faltam frequentemente.

Nessas operações, como aliás nas ações noturnas de quaisquer natureza, o chefe deve estar no meio da sua tropa para animá-la.

A Infantaria defende uma posição à noite, como o faz de dia, isto é, pelo fogo; o ato ofensivo da batalha defensiva à noite, como de dia, é ainda o contra-ataque.

A segurança da Infantaria, à noite como de dia, depende:

- da vigilância de seus postos avançados e de seu serviço de observação e escuta;
- da organização, na frente da linha principal da posição de resistência, de uma barragem de fogos poderosa, contínua, densa e profunda, de desencadeamento instantâneo, parcial ou geral.

As armas que participam dessa barragem devem ser convenientemente instaladas de dia e ter seu tiro "amarrado", de maneira a poder desencadeá-lo instantaneamente à noite.

O tiro "amarrado" é a característica essencial do combate à noite pelo fogo, da Infantaria na defensiva.

3.^a PARTE

CONCLUSÃO

Sintetizando, podemos agora afirmar, que o combate à noite, na sua feição ofensiva, é uma operação bastante delicada, suscetível de sucesso, mas também capaz de reservar

as mais sérias surpresas. É uma "arma de dois gumes", que só deve ser usada com muita prudência.

Quando se decidir efetuar um ataque à noite é mister conceber a operação com a mais absoluta **simplicidade, prepará-la minuciosamente** e garantir o maior **vigor** na sua execução.

Estas conclusões são, aliás, análogas às que se poderia estabelecer para o estudo do "golpe de mão", porque, de resto ambas as operações têm numerosos pontos de contacto. Uma e outra são **acessórias** da batalha, cujo interesse é sem dúvida evidente, mas aos quais só se deve recorrer após se estar certo de tôdas as probabilidades de sucesso.

Em suma, as características essenciais do combate à noite podem ser assim enumeradas:

1 — De ordem geral:

- a noite favorece a surpresa, o medo, o pânico;
- a eficácia do fogo à noite é muito diminuída;
- a manobra é difícil, daí a diminuição da importância do escalonamento em profundidade;
- o encaminhamento das reservas para o local da luta é quasi impossível;
- a ação do Chefe pouco se exerce na conduta do combate; far-se-á sentir, antes, na preparação;
- a perda da ligação com os vizinhos ocorre facilmente;
- a coordenação é difficilissima, pois as ações independem umas das outras;
- o poder do ataque é limitado ao das testas das colunas;
- a manutenção da direção é capital, o objetivo deve ser preciso, fácil de ser encontrado na obscuridade, ou já conhecido.

2 — Na preparação:

- estudo e reconhecimento do terreno feitos de dia;
- balisamento dos itinerários;

- escolha de pontos de referência na frente e na retaguarda;
- emprêgo da bússula;
- indicações de:
 - pontos de reunião, para o caso de insucesso;
 - sinais de reconhecimento simples e como-
dos;
 - sinal de fim de operação.

3 — Relativas à execução:

- movimentos simples;
- itinerários fáceis;
- silêncio absoluto;
- efetivos restritos;
- simultaneidade de ações distintas reguladas pelo Comando.

4 — Relativas às formações:

- geralmente em pequenas colunas, que favorecem a coesão e a manutenção da direção;
- intervalos e distâncias reduzidas, dentro de cada coluna.

5 — Reservas:

- mantidas longe, fóra das emoções da luta;
- empregadas, geralmente, para constituir um "escalon de acolhimento", para o caso de mau êxito;
- destinadas, também, a reforçar as unidades encarregadas de ocupar e conservar o objetivo conquistado.

6 — Conduta de combate:

- cada coluna avança diretamente para seu objetivo, sem se preocupar com os vizinhos e sem responder ao fogo inimigo;

- procurar o sucesso pelo choque, na abordagem rápida do adversário à baioneta;
- os resultados são sempre limitados; o aproveitamento do êxito é difícil senão muitas vezes impossível;
- ocupar o terreno conquistado procurando o contácto à pequena distância;
- ao alvorecer, melhorar o dispositivo e a instalação das armas.

7 — Oportunidade do ataque:

- A escolha do momento do ataque depende do fim que se deseja alcançar.
- O momento de realizar o ataque será encontrado na primeira parte da noite, sempre que a operação tiver por fim:
 - a captura de prisioneiros;
 - a destruição do material do adversário;
 - a posse de pontos do terreno que venham completar o sucesso alcançado de dia.
- Na segunda parte da noite se a finalidade a atingir se restringe, por exemplo, à conquista e conservação de uma posição. Semelhante golpe desfechado sob a proteção da obscuridade, **tira ao inimigo o tempo e as possibilidades de reação.**

Resta, finalmente, focalizar os seguintes fatores de maior importância para o combate à noite:

- o valor dos executantes;
 - os efetivos a empenhar na ação;
 - os novos meios que podem intervir na luta.
- Examinemo-los sumariamente.

1.º — Valor dos executantes:

Neste gênero de luta — ações noturnas, ofensivas ou defensivas — quaisquer que sejam as disposições tomadas, o

sucesso no ataque repousa sempre no **valor moral** e na **energia** dos executantes.

O combate à noite, disse o Coronel MAILLARD, é um ato de vigor, um ato moral mais valeroso que um combate real, porque será a afirmação de uma superioridade de energia e de vontade. O número de nada vale, unicamente a qualidade da tropa decide a sorte de um combate à noite.

2.º — Efetivos a empenhar na ação:

Nosso atual Regulamento de Infantaria prescreve que "há vantagem em só empenhar efetivos restritos nos combates à noite; desde que excedam ao de uma companhia, devem-se organizar ataques distintos, que visem, cada um, a conquista de determinado objetivo".

Também o novo *Reglement de l'Infanterie*, quando trata do assunto, diz que "estas operações são geralmente operações de minúcia, conduzidas com efetivos restritos, sobre frentes pouco extensas e tendo objetivos aproximados".

Os combates de SAPIGNEUL e do Bosque de FOURASSE, que vimos de examinar, sancionam essas asserções. Todavia, não se deve olvidar que efetivos superiores ao Regimento de Infantaria poderão muitas vezes ser conduzidos a operar à noite.

Sabemos que uma ação defensiva à noite não apresenta nenhuma dificuldade. O mesmo, entretanto, não ocorre com as ações ofensivas. Uma Divisão de Infantaria, por exemplo, chamada a fazer um ataque à noite, deve evitar não só repartir-se num sem número de pequenas colunas, como também multiplicar os pontos a atacar. Muito ao contrário, precisam ser escolhidos apenas dois ou tres pontos bem nítidos do terreno sobre os quais serão executados **ataques parciais**, mas sob a condição de serem **desencadeados concomitantemente**, sem o que o primeiro ataque que partisse alertaria o adversário.

Convém ainda não esquecer que o ataque à noite, uma vez desencadeado, escapa sempre à vontade do Chefe, qualquer que seja o escalão.

3.º -- Novos meios que podem intervir na luta:

Dentre outros de menor importância, poder-se-á apontar:

- a aviação;
- os gases;
- os carros de combate.

A AVIAÇÃO já está atualmente apta a intervir, de dia, sobre qualquer movimento importante de tropa a uma grande distância da frente. E isso não apenas em virtude dos ataques aéreos que essa tropa pode sofrer, mas também pelas informações que o avião pode colher, permitindo ao Comando interpretar geralmente as possibilidades do adversário.

Embora ainda restrita a atividade da aviação de informações à noite, não devemos esquecer que em circunstâncias favoráveis (terreno descoberto e de coxilhas, noites claras, emprêgo de artificios de iluminação, etc.), esta arma pode desempenhar um papel muito importante, que será naturalmente aumentado com o emprêgo das fotografias à noite.

O GAS constitui sempre um perigo extremamente grave. Fácilmente se compreende, sem necessidade de entrar em maiores minúcias, que nas futuras guerras, tanto de dia como sobretudo à noite, ter-se-á possivelmente de permanecer com a "máscara no rosto".

O valor combativo das tropas ficará, então, sensivelmente diminuído e os erros de direção, de ligação e orientação, já tão frequentes de dia, sê-lo-ão por isso ainda muito maiores à noite.

Este o motivo, aliás, porque o combate à noite deve ser cada vez mais limitado em profundidade.

Os CARROS DE COMBATE atualmente em serviço nos diferentes Exércitos são ainda incapazes de se deslocar, combatendo, num grande percurso nas trevas. Embora não tenham sido concebidos para esse fim, não quer isto dizer que não existam engenhos blindados capazes de tomar parte num ataque à noite, à luz dos projetores ou de poderosos artificios de iluminação, num terreno reconhecido de dia como favorável à sua ação.

Ja o Exército Norte-Americano tem feito inúmeras experiências de ataques noturnos com carros, obtendo os mais lisonjeiros resultados.

Não resta dúvida, porém, que em exercícios de tal natureza nunca se poderá representar o fogo inimigo como êle realmente é na realidade da guerra. Por isso, o fator moral não atúa, como em combate, sôbre os nervos das equipagens dêsses engenhos coraçados.

Inúmeros são os exemplos de destruição ou aprisionamento de Carros de Combate, na guerra espanhola, apenas por se terem desorientado seus condutores, em plena luz do dia. E' que, tantas voltas êles davam para a direita e para a esquerda, em busca das resistências adversas que detinham sua Infantaria, que, por fim se perdiam, a ponto de não mais saberem qual o lado amigo ou inimigo.

A idéia merece, todavia, atenção.

Em conclusão, é possível sintetizar tôdas as considerações aqui expostas sôbre as operações à noite, nas quatro seguintes noções fundamentais:

1.º — As ações noturnas serão muito mais frequentes nas guerras atuais e do futuro do que o foram nas do passado.

2.º — Uma operação à noite apresenta sempre uma feição muito complexa.

3.º — Qualquer ação à noite só terá probabilidade de bom êxito se fôr muito bem concebida, cuidadosamente preparada, desencadeada por surpresa e executada com tropa de moral elevado.

4.º — E' preciso ser simples na concepção e dar aos executantes ordens curtas, muito nítidas e absolutamente precisas.

Eis tudo.

A seguir:

4.ª PARTE

APRESENTAÇÃO DE UMA SOLUÇÃO PARA O TEMA PROPOSTO